

vem ao encontro de *As Naus*, enquanto desmistificação deste período considerado ainda glorioso pela generalidade dos portugueses contemporâneos...

Autópsia de um Mar de Ruínas parece, por conseguinte, responder negativamente à questão colocada por Fernando Pessoa, em «Mar Português»²⁴: «Valeu a pena?». João de Melo parece querer dizer com este romance que nem tudo vale a pena, mesmo quando a alma não é pequena.

5. Referências bibliográficas:

- Alegre, Manuel (1997) *30 Anos de Poesia*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Antunes, António Lobo (2004) *Os Cus de Judas* (edição *ne varietur*), Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Antunes, António Lobo (2006) *As Naus* (edição *ne varietur*), Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Antunes, António Lobo (2005) *O Manual dos Inquisidores* (edição *ne varietur*), Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Chevalier, Jean, Gheerbrant, Alain (1994) *Dicionário de Símbolos*, Lisboa: Teorema.
- Lopes, Fernão (1994) *Crónica de D. João I*, vol. I, Barcelos: Editora Livraria Civilização.
- Dias, Eduardo Mayone (2007) 'A novelística das guerras coloniais portuguesas', *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2845.pdf>
- Duarte, Maria Manuela da Silva (2004) 'Autópsia de um Mar de Ruínas – A ficção na senda da História'. In Maria de Fátima Marinho (org.) *Atas do Colóquio Internacional Literatura e História*. Porto: Fac. de Letras Porto, vol. I.
- Dutra, Robson Lacerda (2007) 'O universo mítico das águas e suas refrações na ficção contemporânea: uma leitura de narrativas de João de Melo, Lobo Antunes e Pepetela'. Disponível em http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero11/textorobson4.html
- Dutra, Robson Lacerda (2007) 'Entre o mar português em ruínas e as ondas da resistência angolana'. In Pires Laranjeira, Maria João Simões e Lola Geraldine Xavier (org.) *Estudos de Literaturas Africanas. Cinco Povos Cinco Nações*, Lisboa: Novo Imbomdeiro.
- Hernández, Rebeca (2006) 'La proyección semántica de las unidades gramaticales dependientes en el discurso literario postcolonial de lengua portuguesa'. In *Atas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, León: Universidad de León. Disponível em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm>
- Melo, João de (1997) *Autópsia de um Mar de Ruínas*, Lisboa, Dom Quixote.
- Melo, João de (org.) (1998) *Os Anos de Guerra 1961-1975. Os Portugueses em África. Crónica, História e Ficção*, Lisboa: Dom Quixote.
- Melo, João de (2/3/2006) "Um (novo) romance peninsular" (entrevista), in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.
- Pepetela (2002) *Mayombe*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Pessoa, Fernando (1994) *Mensagem*, Braga: Angelus Novus.
- Pessoa, Fernando (2006) *Poesia do Eu*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Santos, M. A. Jane Cristina Duarte dos (2007) 'Um Verdadeiro Mar de Ruínas'. Disponível em http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero10/textojane.html
- Teixeira, Rui de Azevedo (1988) *A Guerra Colonial e o Romance Português*, Lisboa: Editorial Notícias.

15. LUCIANO BAPTISTA PEREIRA, *Biodados* lucianop@mail.telepac.pt e ljpereira@ese.ips.pt

Luciano José dos Santos Baptista Pereira (Escola Superior de Educação de Setúbal), Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas

²⁴ «Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal! / (...) / Valeu a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena», Fernando Pessoa, «Mar português».

PUBLICAÇÕES

1. Ensaio:

Os bestiários franceses do Século XII;
O bestiário e os contos tradicionais portugueses;
O Universo do Imaginário;
A fábula em Portugal.

2. Comunicações e artigos sobre o ensino das línguas, das literaturas e das culturas:

O telejornal na aula de Português; As cores da língua portuguesa como expressão de cultura; L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues; A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes.

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

A cidade; O mundo das línguas.

4. Publicações científicas:

Os bestiários medievais franceses: origens e lições de sobrevivência. In *Animalia. Presença e Representações*. Lisboa : Edições Colibri, 2002.

A fábula, um género alegórico de proverbial sabedoria in *Forma Breve*. Aveiro, 2005.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986); Formando, Orientador Pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2006); Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995); Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas – Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996); Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005); Vice-Presidente do Conselho Diretivo da Escola Superior de Educação de Setúbal.

MANUEL DE PAIVA BOLÉO E A CULTURA AÇORIANO-CATARINENSE

Em 1942, ao realizar, por correspondência, um inquérito linguístico sobre os Brasileirismos, Paiva Boléo apercebe-se que alguns dos traços apresentados por diversos autores como caraterísticos do Brasil correspondem a traços específicos dos falares açorianos que havia anteriormente estudado.

O autor foi levado a postular a hipótese de fortes influências açorianas sobre os falares de algumas regiões brasileiras nomeadamente de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

A observação linguística exigia uma confirmação histórica que o levou a demoradas pesquisas no Arquivo Histórico Colonial. Publicou em 1945 o resultado das suas investigações em Filologia e História, formulando algumas das mais importantes questões que têm norteado os estudos da história e da cultura açoriano-catarinense.

Foi apenas em 1948 que se deslocou, pela primeira vez, ao Brasil, a convite da comissão organizadora do congresso comemorativo do segundo centenário da emigração açoriana em Santa Catarina. Teve então a oportunidade de estudar a fala da povoação de Rio Vermelho e de confirmar a maior parte das caraterísticas a que já tinha feito referência no seu trabalho dedicado aos brasileirismos em 1943.

Foi todavia no campo etnográfico e folclórico que encontrou as maiores semelhanças, que não se limitam apenas à festa do Divino Espírito Santo e à prática das rendas de bilros. Em 1954 regressou ao Brasil para participar no segundo colóquio de estudos luso-brasileiros em São Paulo, publicando apenas em 1983 a sua comunicação acrescida de notas adicionais: A língua portuguesa do continente dos açores e do Brasil.

Embora nestes trabalhos o autor se centre prioritariamente sobre a comunidade açoriano-catarinense, significativas são também as imagens do povo açoriano com que se confunde e a da gente teuto-brasileira com que se confronta.

As descrições linguísticas aparecem enquadradas com referências às características etnográficas, folclóricas, culturais e sociais, atribuindo às estruturas e atividades económicas um lugar de destaque. A organização familiar e a condição feminina mereceram, elas também, profunda reflexão, o que muito contribui para a nossa compreensão de tão rico e fecundo imaginário tradicional.

Meio século após a visita do autor a Santa Catarina reconstituímos e demorámo-nos no seu percurso. Na Praia dos Ingleses, paredes-meias com turistas gaúchos, paulistas e argentinos, deslumbrámo-nos com palavras, expressões, histórias, gestos e ritos de antanho.

2. A cultura açoriano–catarinense e a formação de professores

Visitei os Açores em 1995 a convite do Núcleo do Ensino do Português no Estrangeiro da então Direção Geral de Extensão Educativa para dinamizar a IX ação de formação para professores de língua e cultura portuguesas no estrangeiro que decorreu em Angra do Heroísmo de 31 de julho a 4 de agosto. Realizei e apresentei, conjuntamente com o Dr. Carlos Caetano, um diaporama sobre as representações dos Açores na própria poesia açoriana. Durante o curso, soube de uma pretensa décima ilha, distante, em pleno atlântico sul. Não descansei até lá chegar. Fruto dessa viagem e de um trabalho pedagógico de vários anos com os meus alunos de Literaturas de Expressão Portuguesa, apresentei em Bragança, no Colóquio Anual de Lusofonia de 2004, uma comunicação sobre o imaginário de Franklin Cascaes²⁵. O ano passado fui convidado a integrar a Comissão organizadora do Primeiro Encontro Açoriano da Lusofonia. Infelizmente, por falta de financiamento, não me foi possível apresentar a comunicação que, contra ventos e marés, hoje aqui vos trago. Não se trata de nenhum trabalho de erudição, nem tão pouco de nenhuma pesquisa inovadora, mas apenas de mais um dos produtos de um paciente labor pedagógico que visava, no contexto da formação complementar de professores, reforçar a difusa consciência lusófona, e afinar instrumentos críticos de abordagem dos fenómenos culturais, com particular destaque para os da construção da identidade e da memória coletiva.

Para tal, nada melhor que acompanhar Paiva Boléo na sua primeira viagem ao Brasil, em 1948, para participar, a convite da comissão organizadora, no Congresso de Florianópolis, comemorativo do Bicentenário da colonização açoriana.

3. A realidade tornada mito

Florianópolis (carinhosamente Floripa) é a capital do estado de Santa Catarina, antiga vila de Nossa Senhora do Desterro, fundada pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho e rebatizada em homenagem ao antigo Presidente da República, Marechal Floriano Peixoto.

O autor relata a sua visita com um tom constantemente emocionado, deslumbrado e verdadeiramente agradecido. Tudo o seduz, desde a beleza das paisagens, à organização do Congresso, sem falar da pujança cultural, da diversidade étnica e das superiores virtudes humanas.

Observa que os núcleos mais importantes eram, por ordem decrescente, o Português que se fixara sobretudo no litoral (com especial relevo para o açoriano e o madeirense, o primeiro dos quais para ali emigrara a partir de 1748); o alemão (que desde 1829, aproveitara as ligações matrimoniais entre a Casa de Bragança e a casa da Áustria²⁶ para ocupar a bacia do Itajaí) e o italiano (que, na segunda metade do século dezanove, se estabeleceu nas bacias do

²⁵ Pereira, Luciano - O imaginário açoriano-catarinense na obra literária de Franklin Cascaes in C.D. Actas Colóquio Anual de Lusofonia. Bragança. Câmara Municipal, 2004.

²⁶ Pelo casamento de D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal com a Princesa Dona Leopoldina.

Tijucas e do Araranguá²⁷). Os elementos indígenas já estavam, na altura, quase completamente desaparecidos e os africanos constituíam uma pequeníssima percentagem.

O estado de Santa Catarina, com uma área de 95.000 quilómetros quadrados, contava então com uma população de 1.500.000 habitantes, hoje conta com cerca de um terço da população de Portugal, mais de 4.000.000 de habitantes (Fidalgo, Lisboa, 2002, 49).

A capital seduziu-o em particular pela sua dinâmica educacional e cultural. Para além das suas numerosas escolas primárias e dos vários estabelecimentos de ensino secundário (oficial e particular), normal, comercial e profissional, donde já se destacava o prestigiado Colégio Catarinense, dirigido pelos padres jesuítas, o autor sublinhava a existência das Faculdades de Direito, de Farmácia e de Odontologia, da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e o papel fundamental da Biblioteca Pública cujo funcionamento lhe deixou a mais viva das impressões.

“Por se tratar de uma cidade pequena (aproximadamente como Braga, embora de menor importância), a atividade intelectual de Florianópolis não deixa de surpreender, não apenas o estrangeiro, mas os próprios brasileiros de outros estados.” (Boléo, 1950, 7)

Para o deslumbramento do autor, para além da riqueza cultural, dos encantos sedutores da ilha e da exuberância da natureza, não terão sido alheias as retóricas de celebração de um mito da fundação que faziam de um povo simples e humilde os heróis de uma moderna epopeia, num tom profundamente emotivo e num registo marcadamente grandiloquente. O mito construiu-se na sua presença, com o seu contributo, tão mais vital quanto vital se tornava afirmar a vitória dos mais humildes sobre os mais poderosos, a vitória de uma cultura que se havia confrontado com a cultura hegemónica alemã e que dela saíra vencedora, tal como as forças aliadas haviam vencido as forças do eixo totalitário.

Em 1953, no Jornal Açores de 27 de setembro o autor veio a publicar um eloquente artigo sobre o povo açoriano, intitulado “A alma portuguesa”. Em 1983, em “A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil” o autor retoma algumas afirmações significativas comparando as características do povo açoriano às do povo brasileiro e em particular às do povo de Santa Catarina:

«Julgo não exagerar dizendo que o arquipélago dos Açores deve ser a porção do território nacional onde melhor se poderá encontrar a alma portuguesa na sua constante histórica. As Ilhas são como que um acumulador, onde se concentram, juntamente com a linguagem, as energias físicas e espirituais da Raça: físicas, porque nos Açores existe, seguramente, maior percentagem que no Continente de homens altos e fortes (especialmente em S. Miguel e no Pico); espirituais, porque – sejam quais forem as reservas que haja a fazer a certas modalidades da religião dos açorianos – os ilhéus, na sua quase totalidade, mesmo absorvidos pelos cuidados materiais da vida, não esquecem que têm uma alma. (...)

Poder-se-iam ainda apresentar – acrescentarei eu – outras características comuns ao açoriano e ao brasileiro, como sejam o ouvido e o gosto musicais do povo (...), e certa religiosidade, muito mais generalizada que no Continente e que se observa mesmo em pessoas que não frequentam habitualmente a igreja. (...)

Como continental que sou, compreendo hoje muito melhor o povo brasileiro, justamente porque pude conhecer de perto durante algum tempo a gente açoriana». (Boléo, 1983, 14-16)

O papel importantíssimo do açoriano na colonização de Santa Catarina é, no Congresso, declinado até à exaustão, desvalorizando qualquer outro contributo, até nos discursos mais clarividentes e moderados como o que proferiu o Presidente da Comissão Executiva do Congresso e Professor da Faculdade de Direito de Florianópolis, Sr. Desembargador Henrique da Silva Fontes na cerimónia de lançamento da primeira pedra para o monumento comemorativo do centenário:

²⁷ Piazza (2000, 329) indica que teria sido a partir de 1836 que emigrantes de língua italiana, incentivados pelos laços matrimoniais entre a Casa de Bragança (D. Pedro II) e a Casa das Duas Sicílias (D. Teresa Cristina), se teriam fixado na Colónia de Nova Itália.

“No caso concreto da colonização insulana, temos já a distância de dois séculos. Sabemos que se frustraram os sonhos lusitanos de levar o domínio ao estuário do Prata, sonhos a que se prendia a bem estudada colonização do Brasil meridional; sabemos também que dos colonos ilhéus aqui estabelecidos, não saíram os lavradores deles esperados; mas sabemos também, porque sentimos e palpamos – e muitos de nós o sentem no próprio sangue – que os ilhéus que aqui cresceram e triunfaram, contribuindo preponderantemente para a rija base da cultura luso-brasileira, que enfrentou e absorveu ou modificou outras culturas, sendo elemento de segurança e de progresso para o Brasil.” (in Boléo, 1950, 8)

Quando o sangue açoriano corre nas veias, o discurso carrega-se de emoção e atinge as vibrações camonianas das tubas canoras como o fez o deputado Dr. Osvaldo Cabral, um dos autores que mais se ocuparam da imigração açoriana para o estado de Santa Catarina, autor de numerosos artigos e trabalhos sobre a história de Santa Catarina e que sobre o assunto apresentou várias teses ao congresso:

“ Se as fainas agrícolas não conduziram à vitória esperada, se os açorianos não imitaram os gregos lavravam o sol aspirando com delícia o cheiro da terra revolvida de fresco, se não realizaram eles os sonhos de Silva Pais, limitados nas suas esperanças à criação de núcleos agrícolas, entretanto alicerçaram obra de maior envergadura: - o açoriano e o madeirense, pela sua descendência conservaram para o Brasil este pedaço de chão sobre o qual o castelhano ousou pôr o pé, mas não logrou deitar a mão, nem descansar a cabeça.

Porque o açoriano foi o soldado do heroico e valoroso regimento de Linha da Ilha de Santa Catarina: foi o marinheiro que varejou os nossos mares, com a sua audácia e o seu destemor; foi quem desembainhou a espada pela mão de um Polidoro, de um Fernando Machado, de um Xavier de Sousa, quem colheu glórias pelas bravuras de um Osório. Foi quem pisou o convés de quilhas imperiais e quem abriu o fogo das baterias das cascas de nozes garibaldinas: foi quem cantou pela lira de um Marcelo Dutra e de um Quintanilha; quem serviu a sua terra por um Jerónimo Coelho, por um Silveira de Sousa e por um Melo e Alvim; e foi quem andou a esmolar para os pobres e desgraçados, pela mão de um Irmão Joaquim, semeador de casas de assistência por esse Brasil a fora...

Deu tudo de si – e dele cabe-nos um legítimo sentimento de orgulho, pois foi país de heróis e de poetas, antepassado de músicos e de santos!” (In Boléo, 1950, 10-11)

Por entre inaugurações a monumentos, concertos musicais, entoações do hino nacional português, “em homenagem à velha e gloriosa metrópole donde haviam vindo os colonos”, como referiu o Diário Oficial de Santa Catarina, ia-se construindo o mito de discurso em discurso, de conferência em conferência:

“A nossa colonização começou sofrendo. Nasceu chorando. Sofrimento e lágrima que o ideal de triunfo poderia estancar. (...)

Na história do povoamento e colonização do Brasil, o português e notadamente o açoriano, que é uso legítimo, ocupa lugar de relevo, pelo arrojo, pela tenacidade e pelo idealismo. (...)

No momento em que se comemora, festivamente, o segundo centenário do Povoamento de Santa Catarina, é nosso dever enaltecer o valor daquela gente, espalhada por todos os recantos do mundo, não se podendo negar a intrepidez e o denodo verdadeiros operários da civilização. Navegadores, colonos, guerreiros, artistas, apóstolos, marinheiros, atravessaram os mares e palmilharam continentes.” (Dr. António Nunes Varela in Boléo, 1950, 12-13)

Invocado o maravilhoso pagão, comparadas as gestas e as virtudes açorianas com as epopeias e o génio fundador do povo grego, era necessário sacralizar o mito, santificá-lo, prestar culto a um povo escolhido e escutado por Deus. Escolheu-se a Catedral para a celebração solene de um “Te Deum”. São do próprio arcebispo de Florianópolis, D. Joaquim Domingues de Oliveira, português de origem, as seguintes palavras:

“Vindos em levas sucessivas e numerosas, concorreram (os Açorianos) para formar o bloco homogéneo – atalaias, por assim dizer, da fronteira – ali deixando, com a implantação dos mesmos costumes, língua e

religião, a chave para a solução de problemas que, previstos, talvez, apenas, não deviam ser estranhos, mesmo para a adequada solução, aos nossos próprios dias. (...)

E é justamente para venerarmos os esforços dos homens bons e generosos que nos precederam na caminhada, que aqui nos achamos reunidos. Agradecimentos aos homens e agradecimentos a Deus: aos homens que, não dispondo dos elementos de cultura e civilização atuais, fizeram o que fizeram. Fizeram-no, mercê de reconhecidas qualidades, e ainda, e sobretudo, porque sabiam invocar a Deus.” (In Boléo, 1950, 14-15)

Paiva Boléo foi bastante sensível ao poder de atracção popular exercido pelos trabalhos em miolo de figueira do engenheiro açoriano Euclides Rosa que se deslocara a seus próprios custos de São Paulo onde se encontrava casualmente. Contrariamente às autoridades portuguesas, apercebeu-se, com nitidez, da importância cultural e política das comemorações e não deixou de lamentar a ausência de representantes directamente vindos dos Açores.

A sua própria estada, integralmente paga pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, deveu-se antes de mais ao forte interesse que expressou o Sr. Desembargador Henriques Fontes, após a leitura do seu artigo científico sobre os brasileirismos publicado em 1943²⁸. Relativo foi o apoio prestado por parte das autoridades portuguesas. Não deixa de ser significativa a alusão à própria intervenção do Senhor Dr. Neréu Ramos, Vice-Presidente da Republica, também ele descendente de açorianos. Diga-se, em abono da verdade, que o contributo que o autor havia dado ao Congresso não se limitava ao artigo sobre os brasileirismos uma vez que, em 1945, publicara um trabalho sobre a emigração açoriana para o Brasil com abundantes e importantíssimos documentos inéditos pesquisados no então Arquivo Histórico Colonial (hoje Arquivo Histórico Ultramarino)²⁹. Abreu e Lima, no seu Compêndio da História do Brasil, de 1882, e Varnhagem, na sua História do Brasil, de 1854, já haviam sublinhado a intensidade e a antiguidade dessa emigração, referindo que desde 1621 que duzentos e quarenta colonos dos Açores se haviam instalado no Maranhão para reparar os danos causados pelas bexigas. (Na realidade o processo ter-se-á iniciado pelo menos a partir de 1617.)³⁰ As pesquisas de Boléo, fundamentais para muitas outras pesquisas posteriores, confirmavam que a emigração para o Sul passara a ser massiva, contínua, sistemática e familiar desde o século XVIII. Para tal contribuíram os fenómenos de vulcanismo e excesso de densidade populacional com os consequentes fenómenos da mais extrema miséria (Piazza, 1999, 21-32).

Foi todavia, em 1742, o brigadeiro José da Silva Pais, responsável pela fortificação da Ilha de Santa Catarina e que havia sido governador do Castelo de São João Baptista, que terá sugerido que se levasse das ilhas alguns casais para poder concretizar os seus objectivos (Idem, ibidem, 46). Inscreveram-se, pelo menos, 7.827; 24% de São Jorge, 15% da Graciosa, 9% do Pico, 4,5% da Terceira, 2,5% do Faial e 0,7% de São Miguel desconhecendo-se os dados relativos às outras ilhas³¹. O primeiro contingente, de mil pessoas, terá embarcado no dia 7 de agosto de 1747, atingindo Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) a 6 de janeiro de 1748. Seguiram-se muitos outros até outubro de 1749. Entre 1748 e 1752, segundo alguns autores teriam entrado em Santa Catarina cerca de 5.913 indivíduos e no Rio Grande do Sul 1.400 (Boléo, 1943, 71). De 1740 a 1806 a procedência, só dos chefes de família, teria sido a seguinte: S. Jorge 291, Faial 199, Terceira 135, Pico 86, Graciosa 26, Santa Maria 24, S. Miguel 21, Flores 3. Após 1750, em Santa Catarina, a cada família era fornecido um quarto de légua de terra (imprópria para o cultivo do cereal fornecido, o trigo dos Açores), sementes, alfaias agrícolas, 49 éguas e 341 vacas (Fidalgo, 2002, 29-31).

²⁸ Onde o autor já formulava algumas das questões fulcrais que vieram a encontrar posterior resposta: “Qual foi a região de Portugal que deu maior contingente para a povoação dos Açores e da Madeira? De que ilha do arquipélago açoriano saiu maior quantidade de emigrantes para o Brasil? E para que regiões foram eles de preferência?” (Boléo, 1943, 69)

²⁹ Boléo, 1945.

³⁰ Boléo, 1983, 7

³¹ Em cabeça de lista surgem as ilhas que foram sobretudo povoadas por gente do Algarve, do Alentejo, do Porto Santo e da Madeira. Também são as que apresentam, hoje, ao nível da fala, características mais próximas do português típico, embora com algumas analogias com o falar da Terceira, que se distingue, em particular, pela sua ditongação madeirense e pelo ù micaelense. Foi também a ilha com uma povoação mais heterogénea, tanto no que diz respeito ao espaço português quanto a outras origens europeias, inglesas, genovesas, castelhanas, galegas, biscainhas.... Destaque-se a comunidade Flamengo que terá acompanhado o seu capitão donatário, Jacome de Bruges (Santos, 1989, 136).

Significativa é a referência ao documento de Santa Catarina, datado 5 de novembro de 1756, com o número total de habitantes de 9 freguesias: 9.758; sendo das Ilhas 1084 casais e 3421 filhos; e da Terra, 1097 casais e 3446 filhos (Boléo, 1945, 8).

4. A fala e a expressão do imaginário

O seu interesse em realizar um inquérito linguístico numa povoação do interior levou-o a Rio Vermelho, aldeia que fica a 42 quilómetros de Florianópolis. A estrada era então bastante recente. Rio Vermelho situava-se ao longo da estrada numa extensão de seis quilómetros. Tinha cerca de 250 casas e cerca de 1200 habitantes. As famílias eram bastante numerosas embora a mortalidade infantil ainda fosse bastante elevada. Embora a malária tivesse sido um verdadeiro flagelo, já na altura se fazia rara, graças ao *Serviço Nacional de Malária*. Nesse tempo, talvez incentivada pelo sol arenoso, a maioria das pessoas andava descalça. O solo, do lado ocidental, talvez devido à presença de muitas conchas, era produtivo, dotado de uma exuberante vegetação. Ficou hospedado em casa do regente do posto de ensino, o Sr. João Gualberto Soares. Visitou a cavalo a Praia dos Ingleses, sede de freguesia, ou de distrito na terminologia brasileira. Contava, na altura com 120 casas, situadas à beira mar, sem contar os ranchos, casas de madeira para guardar as embarcações. A região impressiona-o pela sua vegetação de coqueiros a ornamentar a cumeeira dos montes. Campos sem fim, ora de lavoura ora de pastagem. Ausência total de fábricas.

Após se maravilhar com o facto de poder comunicar facilmente com os seus informadores, apesar de analfabetos, o que o leva a cogitar sobre a inexistência de dialectos na imensa extensão do território brasileiro mas apenas de falares que se explicariam por motivos sociais e geográficos. Surpreende-se todavia com as importantes diferenças quer fonéticas quer lexicais no interior da mesma povoação e no seio da mesma família. Ouve os mais velhos dizerem "os animalí" enquanto os mais novos pronunciam "os animau". São as características que mais aproximam os falares dos Açores e os falares de Santa Catarina que o interessam: a passagem da palatal lh a iode (ureias/orelhas; ramaiête de filo/ramalhete de flores); a supressão do r final dos verbos (apertá, iscarrá); a redução da sílaba final como acontece no Algarve e em algumas povoações de Ponta Delgada (remuim/remoinho; manim/maninho). No capítulo da morfologia aponta o uso de "todos dois" em vez de ambos; a redução da terminação na terceira pessoa do plural do indicativo presente e do pretérito perfeito simples (os donos é que trato/ tratam), o emprego do pronome pessoal complemento em vez do pronome sujeito (isto é pra mim fazé/isto é para eu fazer).

Mas é no léxico que o autor diz encontrar as coincidências mais significativas, embora seja bastante parcimonioso nos exemplos (guecha/égua). Em 1983 o autor sublinha características comuns mais gerais aos falares do Açores e do Brasil: o emprego do verbo ter no sentido de existir; de família (familia, familia) para significar filhos, de papai e mamãe, do gerúndio em frases em que no Continente, com excepção do Algarve se utilizaria o infinitivo precedido de a (fulano está apanhando laranjas no seu quintal); a frequência do sufixo diminutivo -inho; o facto dos filhos responderem ao chamamento dos pais por Senhor/Senhora... (Boléo, 1983, 23-34)

Nesse mesmo artigo o autor reconhece que algumas coincidências não serão mais que coincidências, inscrevendo-se nas tendências gerais de evolução da língua portuguesa, outras corresponderão a exportações de dialectalismos do continente tanto para os Açores como para o Brasil enquanto outras só se justificam se admitirmos a influência directa da fala dos colonos açorianos:

"No seu artigo *Brazil and Azores*, publicado na revista *Modern Language Notes* de junho de 1947, Francis Rogers, baseando-se apenas nas escassas observações que, com todas as cautelas apresentei em 1943, no meu trabalho *Brasileirismo*, contestou a influência açoriana no que toca a factos de carácter fonético, interpretando-os como uma evolução natural e espontânea dentro do território brasileiro e que se integram nas tendências gerais da língua portuguesa. Posteriormente, na revista *Orbis* (Louvain, tomo II, 1953, p. 146, nota), o linguista brasileiro Serafim Da Silva Neto, fez suas as reservas do professor americano, mas reconheceu que, no vocabulário, «il est possible de signaler des expressions propres aux Açores (açorianismos) ».

Hoje é difícil ouvir o falar catarinense ou o “catarinês” como gostam de referir os “manezinhos” da ilha. Num botequim da Praia dos Ingleses, por entre umas “abridêra”, umas “pinga” e umas “fresquinha”, ouve-se por vezes velhos pescadores falarem de assombração e das mulheres do “demonho”, megeras éguas bruxas que se escondem nos “rancho” e que “nem urubu” espantam os “animali”, gente que ainda hoje desconfia dos “dotô” da cidade “capitáli”. Já vai para mais de dez anos que tive a felicidade de os ouvir. Por vezes o ritmo acelerava, a pronúncia fechava-se e o léxico tornava-se hermético, todavia tive a felicidade de encontrar um pequeno livro muito popular. Era o *Dicionário da Ilha* (Alexandre, 1994). Um verdadeiro best-seller, já ia na sua terceira edição, com mais de 10.000 exemplares vendidos!

É todavia no campo etnográfico e folclórico que, ontem como hoje, se encontram as maiores semelhanças³²: os nomes dos oragos, as rendas de bilros, as quadras populares, as festas do Divino Espírito Santo... Estranhamente Paiva Boléo não refere nem a arquitetura popular nem o imaginário “bruxólico” que viria a constituir a matéria-prima da obra emblemática de Franklin Cascaes apesar de algumas das teses apresentadas no congresso se debruçarem exatamente sobre as superstições comuns ao Brasil e aos Açores (Luís da Silva Ribeiro). Não resisto eu a invocar uma das lendas paradigmáticas de nítida origem celta, documentada na obra de Franklin Cascaes, na ilha Terceira e no Norte de Portugal:

As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha.

“Comadre, eu estive num lugar muito longe, dentro da noite, e, às apalpadelas, dentro da escuridão, consegui recolher um punhado de areia e umas rosas, porém desconheço o lugar de sua origem. Já as mostrei a muita gente e ninguém, assim como eu mesmo, conseguiu identificá-las. - Quando ela colocou os olhos por riba da areia e das rosas, suas faces enrubesceram, seus olhos se esgazearam e sua fala emudeceu. Recuperando-se, ela afirmou – Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramallete de rosas é a Índia. Eu aprendi na minha escola de iniciação à bruxaria que lá, nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazerem estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia, em escassos minutos marcados pelos relógios do tempo. Também aqui as mulheres continuadoras dos elementos diabólicos do reino de Satanás, cujas chefes enfeixam em suas mãos os poderes emanados Dele, praticam as mesmas peripécias. Eu, compadre, afirmo-lhe com convicção certa de que as suas vidas, naqueles momentos, estiveram guardadas no repositório das minhas mãos. A bruxa chefe, que comandava a embarcação, tinha plena certeza da presença real de sangue humano dentro da lancha e, de vez em quando, ela chamava a atenção de suas comandadas para que investigassem onde estava o elemento que o possuía. Mas eu procurei sempre com muita altivez e precisão bruxólica, atrai-las para pontos distantes que podiam atrapalhar nossa viagem, quais eram os cantares dos galos. Hoje o senhor vai saber com precisão que, dentro da sua embarcação, fazendo aquela viagem bruxólica entre a Ilha de Santa Catarina e a Índia, estavam as mulheres bruxas mais respeitáveis, misteriosas, prepotentes e malignas que vivem o reino rubro do rei Anjo Lúcifer. Se o senhor não foi trucidado por elas, agradeça à minha presença na sua lancha, metamorfoseada em bruxa, sentada no banco de popa na frente da gaiuta, onde se achava escondido” (Cascaes, 1950, 73-77).

Havia um homem que era pescador e, quando chegava à calheita para deitar o barco ao mar, ele estava sempre alagado.

Uma noite resolveu ir e foi vigiar para ver se apanhava a pessoa que andava com o barco. Escondeu-se dentro dele e botou uma serapilheira por cima de si.

Dali a bocado grande, viu entrar duas raparigas e cada uma pegou no seu remo e foram a remar pelo mar fora. Chegaram à Índia, arrumaram o barco lá num canto e meteram por terra dentro. O homem estava lá escondido e lá ficou. Não levou muito tempo. Elas no barco. Quando vinham de viagem, uma

³² Refiro entre outros trabalhos a magnífica síntese de Pavão Júnior (1987)

vira-se para a outra e diz assim: Rema para lá que é quase de manhã! Rema para lá que é quase de manhã! – e a manhã já a luzir.

E o homem dizia lá consigo:

-Ai se me dá a tosse, ai se me dá a tosse...

Ele vinha abafado com a saca por cima de si mas nunca tossiu.

Elas traziam três pedras brancas e umas vagens e, quando chegaram a terra, esqueceram-se delas dentro do barco. E o homem assim que as apanhou pelas costas, botou a mão às coisas e veio para cima. Foi mostrar aquilo aos amigos para provar a eles que tinha ido numa noite à Índia a mais as feiticeiras (Altares, Terceira - Açores)³³

“As bruxas vão ao Brasil em meia hora num barco, que tomam: cada remadela cem léguas.

Um homem tinha à beira do rio Douro um barquinho, e todas as noites lho tiravam do sítio. Ele tinha uma comadre, que era bruxa. Tantas vezes viu que lhe buliam com o barquinho que foi uma noite lá ficar dentro do cuqueiro (barraca ao pé da espadela).

De noite a comadre e outras bruxas levaram o barquinho para o Brasil, e ele dentro. As outras bruxas diziam:

-Aqui cheira a sangue vivo.

E a comadre dizia:

Não cheira não! Remem, remem, cada remadela cem léguas!

Chegaram ao Brasil, prenderam o barquinho; elas saíram, e ele ficou dentro. Depois o homem saiu, cortou uma cana-de-açúcar e tornou a meter-se no barco. As bruxas vieram e tornaram a andar com o barquinho para Portugal e diziam:

-Aqui cheira a sangue vivo!

E a comadre respondia:

-Não cheira, não! Remem, remem, cada remadela cem léguas, que está breve a cantar o galo negro! (que é o que parte à meia-noite).

Chegaram à terra na mesma noite, prenderam o barquinho e foram-se embora. Era num sábado. Ao outro dia de manhã foi o compadre da bruxa à missa e levou a cana-de-açúcar e disse lá na missa que fora na noite anterior ao Brasil. Os vizinhos diziam que não era verdade, e ele:

-Pois para o quê, tenho aqui uma cana-de-açúcar, que lá cortei na esta noite.

A comadre disse-lhe que não andasse com estas gabações, porque as outras que o matavam, “que eu fui que te vali a tua vida, que elas já iam a dizer que cheirava a sangue vivo” (Granja das Biocas)³⁴

Confesso que a versão açoriana, por fazer referência à Índia (forma arcaica de designar o Brasil, tal como re-encontramos na expressão café da Índia (café do Brasil, café legítimo³⁵), me parece a mais antiga e que a versão recolhida no Norte de Portugal me parece uma versão “torna viagem”. O que não significa que não tenha sido exportada do continente para as ilhas e que não pertença a um imaginário nitidamente nortenho. Certo é que, apesar das referências exóticas de ambas, descortinamos, por de trás do nevoeiro do tempo, a imagem das antigas sacerdotisas celtas que povoaram a ilha de Avalon e que até nós viajaram das tradições bretãs, pela matéria arturiana até às nossas tradições orais:

“A barca aportou ante rei Artur e as donas saírom fora e foram a el-rei. E andava antr’elas Morgaim a (o) encantador irmã(a) de rei Artur, que foi a el-rei com todas aquelas donas que tragia e rogou-o entom muito que per seu rogo ouve el-rei d’entrar na barca. E pois foi dentro fez meter i seu cavalo e todas as armas. Disi começou-se a barca de ir polo mar com el e com as donas em tal hora que non ouve i pois

³³ Martins, 1994, 103-104

³⁴ Vasconcellos, 1963, 436-437

³⁵ Boléo, 1983, 20

cavaleiro nem outrem no reino de Logres que dissesse pois certa mente que o pois vissem” (Piel, 1988, 463)

5. O confronto de culturas

A entronização da colonização açoriana em detrimento das outras não se fez pacificamente e encontrou como seria de esperar algumas resistências. Dois conceitos diferentes de civilização se confrontavam segundo o autor, “um que se deslumbra, sobretudo, com o progresso material; outro que atende, principalmente, aos fatores psicológicos e ao poder de assimilação” (Boléo, 1950, 33). O autor dá-nos notícia de discursos cuja função era a de responder àqueles que amesquinhavam a colonização açoriana por esta não ter conseguido o progresso material que outras, e em especial a alemã, atingiram. Muito se havia escrito sobre as diferenças entre as zonas de colonização açoriana e as de colonização alemã, e nem sempre desapassionadamente, quase sempre em detrimento da primeira.

Um congressista, talvez de forma provocatória, terá mesmo apresentado a seguinte tese: “Contribuição à história da colonização alemã no vale de Itajaí”.

“Num congresso que se destinava a estudar a colonização açoriana no estado de Santa Catarina, parece que um tema desta natureza estaria deslocado, mas o autor defendeu o seu procedimento, dizendo que não “considerava o português um colono estrangeiro, mas sim um povoador”. A tese foi bastante criticada na respetiva secção.” (Boléo, 1950, 32)

A vitória da colonização açoriana não se afirmava pelo modernismo das técnicas agrícolas, nem pelo alto nível económico mas sim pela resistência à modernidade e pela sobrevivência dos padrões que o caracterizavam e talvez, em alguma medida, o continuam a caracterizar. A tensão entre o elemento açoriano e o teutónico confundia-se com a tensão chocante entre o urbano e o rural, o passado e presente:

“O campo, porém, mantém-se em sua tradição, e a sua evolução não se faz à custa de todos seus hábitos e instituições, mas na fusão destes com os novos elementos que absorve.

O viajante apressado extasia-se ante o progresso e riqueza da bacia do Itajaí. Não conhece, sem dúvida, a tragédia que naquela região se desenrola ante a erosão do solo, a rotina de processos agrícolas e a deficiência da rede comercial.” (Peluso in Boléo, 1950, 38)

Apesar de todo o ambiente de euforia em torno da gesta e da colonização açoriana que o levou a visitar São Miguel, Santo António, Canasveiras, Ribeirão, Vila Nova e Laguna, o autor não deixou de manifestar o seu interesse em visitar as zonas de colonização alemã e de refletir longamente sobre as suas características:

“Numa das excursões do Congresso, manifestei o desejo, em conversa com o Presidente da 6ª secção, de visitar as regiões de colonização alemã e italiana, para ficar com uma ideia mais completa do Estado de Santa Catarina.” (Boléo, 1950, 41)

Assim o autor percorreu mais de 500 quilómetros. Visitou o município de Blumenau, a casa-museu de Fritz Müller, “príncipe dos observadores” na expressão de Dawin, Indaial, Timbó, Redeio (vila de colonização italiana e tirolesa), Vila de Ascurra e Brusque:

“É difícil falar sem paixão da zona de colonização alemã. Não há dúvida que sob o aspeto material, representa contraste flagrante com a zona de colonização portuguesa e brasileira. Em vez das casas de madeira, com janelas sem vidros, de aspeto pobre, senão mesmo miserável (refiro-me evidentemente às aldeias), encontramos casas alegres, com canteiros de flores e árvores a cobri-las de sombra. Em lugar da “natureza natural” a paisagem cultural, o aperfeiçoamento do homem. A natureza que já ali é bela, mais se valoriza com a ação do homem. Nas casas, nas ruas, o asseio e a ordem, que revelam o mais elevado nível de civilização material. Temos por vezes, a impressão de que fomos transportados a uma povoação da Alemanha ou da Suíça.” (Boléo, 1950, 41-42)

O autor observou todavia o notório sentimento de superioridade rácica dos Brasileiros da zona de colonização alemã sobre os Luso-brasileiros e sobre os Ítalo-brasileiros. Pois, antes da guerra, as colónias alemãs constituíam

verdadeiras ilhas culturais, as crianças só frequentavam escolas de língua alemã e praticava-se uma estrita endogamia. Após a guerra o Governo estadual tomou medidas para a integração dessas comunidades:

“Graças a esta política escolar e à forte reação que durante a última guerra, se manifestou contra aqueles brasileiros que preferiam colaborar politicamente com a pátria de origem a servir lealmente a nação de que se haviam tornado filhos, a aprendizagem da língua portuguesa por parte das crianças e o processo de assimilação da parte dos adultos apressou-se bastante.

Consta-me, porém, que tanto no estado de Santa Catarina como no do Rio Grande do Sul, já se começa a verificar de novo a tendência para a “colônia” alemã viver fechada dentro de si mesma.” (Boléo, 1950, 43)

“É português tudo o que temos de brasileiro e profundo” terá afirmado O Governador de Santa Catarina na sessão inaugural do Congresso. Gilberto Freire em Continente e Ilha recorda que a parte lusitana das tradições dominantes brasileiras não pode deixar de ser constantemente reforçada e renovada.

Paiva Boléo foi-se apercebendo do alcance político do Congresso Não se tratava meramente de um Congresso de História de Santa Catarina para comemorar a colonização açoriana mas sim de uma estratégia de afirmação da brasilidade de um estado que, em certa medida, havia preferido apoiar os esforços belicistas germânicos em detrimento dos interesses da Pátria brasileira e onde, de facto a cultura luso-brasileira havia perigosamente enfrentado a cultura alemã:

“A finalidade suprema do Congresso, embora não expressa, era a de mostrar aos outros estados da União a brasilidade do Estado de Santa Catarina. E a melhor forma de o conseguir era de comemorar o bicentenário da colonização açoriana.” (Boléo, 1950, 47)

6. Bibliografia

- ALEXANDRE, Fernando – Dicionário da Ilha. Falar & Falares da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis. Cobra Coralina, 1994.
- CARUSO, Raimundo – Franklin Cascaes. Vida e Arte e a Colonização Açoriana. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.
- BOLÉO, Manuel de Paiva – Brasileirismos. Problemas de método. Separata da revista Brasília, vol. III, Coimbra, 1943.
- BOLÉO, Manuel de Paiva – Filologia e História. A emigração açoriana para o Brasil. (Com documentos inéditos). Separata de «Biblos» Vol. XX. Coimbra, 1945.
- BOLÉO, Manuel de Paiva – O Congresso de Florianópolis. Comemorativo do Bicentenário da Colonização Açoriana. Coimbra, 1950.
- BOLÉO, Manuel de Paiva – A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil. (Problemas de colonização e povoamento). Separata de Revista Portuguesa de Filologia. vol. XVIII. Coimbra, 1983.
- CASCAES, Franklin – *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. I. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.
- CASCAES, Franklin – *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. II. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- FIDALGO, Manuel Caçoilo – *Santa Catarina e Rio Grande do sul Adaptação – renovação – afirmação Açoriana no sul do Brasil*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2002.
- JÚNIOR, José de Almeida Pavão – *La littérature orale de Santa Catarina et la présence culturelle des Açores in Littérature Orale Traditionnelle Populaire – Actes du colloque*. Paris, 20-22 Novembre 1986. Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais, 1987.
- MARTINS, J. H. Borges – *Crenças Populares da Ilha Terceira I*. Lisboa: Salamandra. 1994.
- PIAZZA, Walter F. – *A Ilha de Santa Catarina e o seu continente na luta pela hegemonia portuguesa e na fixação da Cultura lusitana no Brasil meridional*. In *As Ilhas e o Brasil*. Funchal. Centro de Estudos de História do Atlântico. Secretária Regional do Turismo e Cultura, 2000.

- PIAZZA, Walter F. – *A epopeia açórico – madeirense (1746-1756)*. Coimbra: Centro de estudos de História do Atlântico, 1999.
- PIEL, Joseph-Maria (ed.) – *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.
- SANTOS, J.M. dos – *Os Açores nos séculos XV e XVI (vol. I)*. Universidade dos Açores. Direção Regional dos Assuntos Culturais. Secretária Regional da Educação e Cultura, 1989
- VASCONCELOS, J. Leite de (col.) – *Contos Populares e Lendas*. Coimbra, 1963.
- 3.º Congresso de Comunidades Açorianas. Angra do Heroísmo, 1991.
- *Florianópolis – Ilha de Santa Catarina*. CD-ROM. Brasil.

16. MARIA D'AJUDA ALOMBA RIBEIRO, *Biodados* dajudaalomba@hotmail.com

Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

Possui graduação em Letras (1986) e Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1993). Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade de Alcalá-Es, Departamento de Filologia (2005). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Santa Cruz. Pesquisadora na área de Português como L2, com o projeto intitulado **Linguagem e Perspetiva Multicultural no Ensino de Português como L2**. Artigos publicados: **O conector mais ou mas semelhança ou diferença no ensino de Português como língua estrangeira**, Atas del Congreso de Lingüística General, Santiago Compostela; **Calidad educatva em la ensenanza de português como lengua extranjera**, Universidad de Almería.

QUESTÕES CULTURAIS E DE IDENTIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS L2/LE

1. SINOPSE

Este trabalho se volta para a questão da diferença e da identidade cultural (HALL, 1999) com o objetivo de propor uma releitura do ensino-aprendizagem de Português como língua estrangeira e, com isso proceder a uma reflexão sobre questões identitárias e culturais no ensino de PLE, visto que no processo ensino-aprendizagem se delinea o perfil de uma nação/cultura. Como fulcro teórico deste artigo, tomou-se a teoria dos Estudos Culturais (BHABHA, 2003; HALL, 1999; CANCLINI, 2000) e a Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1998; PECHEUX, 1988) para trabalharem-se conceitos, tais como: identidade, multiculturalismo e hibridismo cultural, no intuito de estabelecer uma relação entre língua e cultura no processo ensino-aprendizagem de PLE.

Minha pátria é a língua portuguesa

Fernando Pessoa

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente

Em relação às formas pelas quais somos representados

Ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...)

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Hall

2. Considerações Iniciais

Este estudo apresenta uma abordagem teórico-crítica sobre questões identitárias e culturais no ensino de Português L2/LE. A problemática concentra-se em investigar como a identidade é reafirmada a partir de uma estratégia discursiva que utiliza elementos componentes da cultura local.